



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**CIDADANIA E QUESTÕES RACIAIS NA PRODUÇÃO INTELECTUAL
DE CLOVIS MOURA, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

José Maria Vieira de Andrade*

Tendo em vista algumas formas de discutir o pensamento racial, oferecidos por algumas reflexões que surgiram no campo dos estudos culturais nos últimos anos, visualizamos, por meio deste texto, a possibilidade de realização de um estudo do pensamento racial no Brasil, na segunda metade do século XX¹.

Ao avaliar as movimentações dos homens de letras no Brasil, ao longo do século XIX e XX, Carlos Guilherme Mota² ressalta que o contexto situado a partir dos anos

* Atualmente, professor da UFMA, Campus de Grajaú, e doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFC. E-mail: zemarvi@yahoo.com.br.

¹ A construção da problemática do estudo proposto neste texto tem como ponto de partida as possibilidades revisionistas defendidas no campo dos estudos culturais abertas por alguns autores contemporâneos, entre os quais, tem chamado bastante nossa atenção a discussão desenvolvida por Paul Gilroy em um de seus livros mais conhecidos no Brasil – *O Atlântico Negro*. Neste ensaio Gilroy constrói, a partir de conceitos como diáspora negra, de suas narrativas de perda, exílio e viagem, uma crítica da situação dos estudos culturais nos últimos anos, especialmente no que diz respeito à forma de abordar as questões raciais adotada por grande parte da militância política e intelectual negra no ocidente.

No esforço de repensar questões relativas às noções de pureza racial que ainda circulam dentro dos movimentos políticos negros e procurando visualizar alternativas as armadilhas essencialistas e relativistas presentes nas idéias e posturas de muitos pensadores negros, Gilroy visualiza em seu texto uma nova linha de discussão que se sustenta na defesa da noção de transnacionalidade como ferramenta fundamental para a compreensão da experiência negra no mundo moderno. Para maiores informações, cf.: GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.

² MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. 1ª. Ed. São Paulo: Editora Ática. 1977.

cinquenta do século passado, se configura como um campo de observação de extrema complexidade e riqueza para a análise das “ideologias” no país. Nesse momento, forja-se uma nova concepção do trabalho intelectual e novas e radicais interpretações da nacionalidade cultural brasileira. Paralelamente, trata-se de um momento onde ocorrem vários esforços revisionistas nos estudos sociais, sobretudo nas discussões de cunho histórico-sociológica.

Uma parcela significativa dessas reflexões tomará a questão da história do negro como categoria fundamental para repensar a história e formação social do país, como acontece com quase toda a produção de Clovis de Assis Steiger Moura. Ao se inserir no universo dos escritores que tomaram essas questões como foco primordial de suas reflexões, Clovis Moura, chama atenção de muitos analistas até mesmo por seus aspectos biográficos devido a sua origem familiar mestiça, como filho de mãe branca e de pai negro, que tem ainda entre seus ancestrais, um bisavô que foi barão do império prussiano, e uma avó que chegou a ser escrava.

Após deixar sua cidade natal, quando ainda era criança, e na condição de membro de uma família de classe média-baixa, Clovis Moura morou em várias cidades brasileiras (Amarante, Juazeiro, Natal, São Paulo), e desde cedo teria manifestado interesse por discussões sobre literatura e política, até ingressar na carreira jornalística, no início de 1942, quando estava morando no Estado da Bahia. Nesse período, Clovis Moura chegou a ingressar também na militância política junto ao PCB, em torno do qual teve a oportunidade de conviver com outros intelectuais, dentre os quais estavam nomes como os de Caio Prado Junior, Villanova Artigas e Artur Neves.

Concomitante as suas atividades profissionais, Clovis Moura desenvolveu várias pesquisas que serviram de base para seus estudos e teorias sobre a formação social brasileira e para seus projetos de atuação intelectual, até sua morte, em 2003. Ao longo de sua obra, constituída de uma série de mais de 20 livros, vários artigos e capítulos de livros, Moura manteve uma preocupação constante em defender o papel ativo do negro na formação da nação, no dizer de Erika Mesquita, “não só do ponto de vista culturalista, que começava a ser abordado no momento, mas – e principalmente – social, desdobrando-se para os planos políticos e econômicos”³.

³ MESQUITA, Erika. Clovis Moura e a sociologia da Praxis. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, no 3, 2003, p. 560.

De acordo com alguns estudiosos de sua obra⁴, um de seus trabalhos mais emblemáticos teria sido o livro *Rebeliões da senzala*⁵, publicado pela primeira vez em 1959. Neste texto Clovis Moura procurou trabalhar um dos aspectos centrais de suas pesquisas e reflexões sobre a formação social e histórica brasileira focada na questão do escravismo e da resistência negra, procurando destacar, acima de tudo, o caráter ativo do negro na luta em seu processo de emancipação.

A experiência intelectual de Clovis Moura também merece atenção especial devido a forma como o escritor estabeleceu diálogos com grande parte das movimentações intelectuais da segunda metade do século XX, no Brasil e/ou para além das fronteiras nacionais. Entre esses diálogos, podemos apontar sinteticamente o seu envolvimento com as discussões sobre a negritude, a nível tanto nacional, tais como a defendida pelo Teatro Experimental do Negro (TEN), quanto internacional, como nos diz o pesquisador Fábio Nogueira de Oliveira, ao ressaltar, em seu estudo, o envolvimento de Moura com o movimento da negritude francófona, que surgiu na França na década de 1930, sob a organização de nomes como Leopold Senghor, Leon Dantas e Aimé Cesaire, que, em linhas gerais defendiam a “recusa da assimilação cultural do branco e de valorização da experiência cultural africana”⁶. Na sua trajetória intelectual, Clovis Moura teve oportunidade não apenas de manter contato com essas propostas, como chegou a participar de eventos que reuniam vários intelectuais envolvidos com as discussões sobre a Negritude e a América Latina, a exemplo do colóquio ocorrido em Dakar, em 1974.

Ao se inserir nesse debate Clovis Moura procurou repensar algumas propostas nacionais relacionadas à negritude, que no seu entender teria ficado “congelado” no Brasil por muito tempo. No dizer de Fábio Oliveira, ao comparar algumas propostas de movimentos como o do Teatro Experimental do Negro, com outras propostas europeias e africanas, afirmou que o pensamento racial brasileiro estava em parte “estagnado como categoria aristocratizante, praticada por uma elite negra”. Diferenças de idéias como essas podem ser apontadas como um dos fatores para o distanciamento de Moura com relação aos movimentos anti-racistas organizados no Brasil, sobretudo entre 1945 e 1964.

⁴ ALMEIDA, Luiz Sávio de (org.), *O negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura*, Maceió, EDUFAL. Outros textos sobre Moura serão citados no decorrer do trabalho.

⁵ MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. Este livro foi re-editado por Moura mais duas vezes: uma na década de 70 e outra na década de 80.

⁶ OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. Modernidade, política e práxis negra no pensamento de Clóvis Moura. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v.18.1, p.51

No que diz respeito a essa trajetória intelectual plural, podemos ainda apontar o contato mantido pelo escritor com o movimento negro que se organizou no contexto pós-ditadura militar por meio de entidades como o MNU - Movimento Negro Unificado e da UNEGRO – União dos Negros pela Igualdade, bem como também as colaborações feitas por Moura para o Partido Comunista do Brasil – PC do B e sua aproximação com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST, no final da década de 1990. Envolvimentos diversos que se dão em paralelo a uma intensa produção intelectual sobre os pontos que, na visão de Moura, seriam fundamentais para a compreensão do processo de formação histórica da sociedade brasileira e para a busca de um caminho alternativo para a consolidação da cidadania no Brasil.

Para Borges Ferreira⁷, Clovis Moura pode ser classificado como uma personalidade “transitiva”, tendo em vista sua destacável capacidade de ser, simultaneamente, “sem embaralhar os limites, branco e negro, militante e intelectual, historiador e sociólogo, jornalista e cientista social”⁸. Apesar de toda essa transitividade, talvez nenhuma temática tenha sido mais cara a reflexão de Moura sobre a sociedade brasileira ao longo da história do que sua preocupação com a questão racial. Pensando a importância do negro para a formação social brasileira, Moura colocou-se como um dos porta-vozes dos negros ao tentar evidenciar por meio de sua atuação intelectual o lugar desse segmento em sua luta de séculos por uma verdadeira cidadania social e política, questionando o modelo de globalização, o capitalismo dependente brasileiro, o conceito de “democracia racial” e a historiografia que ofuscou e esvaziou a ativa participação negra na construção do Brasil.

Ao avaliar a situação social do país, Clovis Moura ressaltou que “o negro vem de um processo de colonização centenária que o coloca, coincidentemente, como negro e como o segmento mais explorado na sociedade brasileira”⁹. Moura defendeu que uma possível saída para este grave problema nacional seria o resgate pleno dos direitos humanos, civis, sociais etc.; seria intensificar a busca da dignidade humana perdida, esforço que, para ele, se verifica não só no Brasil, mas também em outros lugares do mundo.

⁷ FERREIRA, João Batista Borges. p.310

⁸ Id. Ibidem. p.311.

⁹ Entrevista concedida a Revista Movimento da União Nacional dos Estudantes, em 1981.

Essa mudança de concepção na forma de entender a história do negro, defendida por Moura, se passa paralelamente a um momento em que os estudos sobre o pensamento racial assumem, especialmente no Brasil, novos direcionamentos, sobretudo quando as análises tomam como direcionamento as nuances ocorridas a partir dos anos iniciais da década de 1960, quando a militância intelectual negra procurou se aproximar mais das discussões sobre a “negritude”, desenvolvidas fora do país, e o ideal de “democracia racial”¹⁰ que, predominou grande parte das reflexões intelectuais sobre raça entre as décadas de 1940 e 1950, passam a ser decisivamente repensadas.

Nesse momento, a mobilização intelectual precisou se posicionar diante de propostas que, por um lado, se organizavam em torno da movimentação política por direitos civis e sociais e, de outras, se mostravam ainda preocupadas sobre como lidar com a tradição interessadas em cultivar as nossas origens africanas e sua contribuição para a formação da nacionalidade cultural¹¹.

Ao retomarmos mais uma vez nesta proposta de estudo algumas variáveis centrais do pensamento de Moura não estamos interessados em evidenciar, repetidamente, os aspectos da originalidade de suas reflexões sobre a história e a formação social do Brasil, ou que possibilitaram a sua projeção intelectual, mas sim, por meio da análise da obra desse sujeito paradigmático, tentar entender essas mudanças de concepção e como Clovis Moura se inseriu nesse contexto.

Em outras palavras, tencionamos desenvolver uma pesquisa que possa, fundamentalmente, oferecer respostas a questionamentos que, na nossa concepção, ainda seriam carentes de estudos mais aprofundados, tais como às indagações sobre como a questão da cidadania foi pensada no Brasil no recorte temporal em questão? Ou ainda, sobre como essa respectiva idéia de cidadania se relaciona com a reviravolta revisionista presente no pensamento racial de Clovis Moura? Em que medida a proposta de cidadania

¹⁰ Entre as décadas de 1940 e 1950, uma das portas de entrada do amplo e sólido arco de aliança entre brancos e negros na luta anti-racista, segue a linha freyriana defendida em *Casa Grande Senzala*, e na imprensa paulista, a coluna “Democracia Racial”, onde o *Quilombo* publica, geralmente com exclusividade, intelectuais brancos do porte de Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Roger Bastide, Murilo Mendes, para ficar nos brasileiros. Sobre essa discussão cf.: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1933; GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Intelectuais negros e modernidade no Brasil*. Working Paper CBS-52-04. Centre for Brazilian Studies. University of Oxford. 2003.

¹¹ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Intelectuais negros e modernidade no Brasil*. Working Paper CBS-52-04. Centre for Brazilian Studies. University of Oxford. 2003.

racial presente nos textos de Moura se relaciona com outras propostas estrangeiras sobre a questão racial? Por fim, como Clovis Moura articula em torno de sua produção historiográfica as noções de tradição cultural afro-brasileira e os anseios de um Brasil Moderno, presente nos movimentos intelectuais brasileiros da segunda metade do século XX, com os quais interagiu?

*

A proposta de construção deste trabalho surgiu tendo como fundamento a contribuição dos estudos do pensamento racial para a historiografia atual, em torno da qual, podemos visualizar a emergência de novas linhas de discussão, que, por sua vez, têm suscitado algumas releituras sobre questões cruciais que desde o final do século XIX se configuram como sendo de grande relevância para uma parcela significativa da produção intelectual nacional, entre os quais podemos situar os trabalhos sobre a atuação e o pensamento racial de Clovis Moura. Um tema de estudo que, apesar da escassez, já vem a algum tempo despertando o interesse de pesquisadores e críticos.

Em meio a esses estudos preliminares, encontram-se as breves sínteses crítico-biográficas elaboradas por nomes como Mário Maestri¹² e João Batista Borges Ferreira¹³. Em suas considerações, Maestri, de olho na contribuição do livro *Rebeliões da Senzala* à historiografia sobre a escravidão no país, chama atenção para os aspectos que na presente obra seria responsáveis pela ruptura epistemológica feita pelo por Clovis Moura, no final da década de 1950. Por sua vez, João B. Borges Ferreira faz um elogio do legado intelectual de Moura, tendo em vista a forma particular adotada por ele ao longo de sua atuação, no sentido de tentar conciliar, a partir de seus escritos dois universos, dois mundos que se complementam, mas que, por outro lado, parecem se distanciarem, num “jogo dialético inerente ao próprio sistema”:

De um lado, o Brasil escravocrata, com seu arcabouço jurídico legal a legitimar o escravismo e as suas passagens históricas – simpáticas e não-simpáticas ao regime –, com seus atores sociais mais expressivos e seu esquema de poder senhorial hegemônico, quase sempre sinônimo de mundos dos brancos. De outro lado, o Brasil escravizado, constituído de negros anônimos, que constroem a nação com seus braços, lutam, a seu modo, pela sua emancipação e pela dissolução do regime servil,

¹² MAESTRI, Mário. O legado original de Clovis Moura. In: www.conciencia.net/2004/mes/01/maestri-clovismoura.html. Acesso em outubro de 2013.

¹³ FERREIRA, J. B. B. Op. cit.

enquanto preservam, criam ou recriam os elementos culturais que iriam mais tarde, séculos depois, dar a marca do que viria a ser a chamada e aclamada cultura brasileira.¹⁴

Em meios a essas sínteses preocupadas, dentre outras questões, em ressaltar aspectos da originalidade e importância do legado intelectual mouriano, dois estudos têm se mostrado particularmente de grande contribuição para a elaboração desta proposta de estudo. O primeiro deles é o trabalho da pesquisadora Erika Mesquita¹⁵. Em seu estudo Mesquita procura retomar a visão crítica de Clovis Moura sobre a história social do Brasil, no intuito de averiguar como essa visão se posiciona de forma original dentro do cenário da reflexão sociológica e historiográfica brasileira.

Nesta análise, em certos momentos, a preocupação central de Erika Mesquita está interessada nos aspectos diretamente relacionados à biografia e atuação intelectual de Clovis Moura, dentro do contexto das movimentações e produções intelectuais preocupadas em pensar a nacionalidade, a formação social brasileira e a questão racial, procurando, em meio a essa reflexão, dimensionar como o pensamento mouriano se integraria nesse universo de interpretações da história social do país. Um dos principais argumentos da pesquisadora consiste em tentar mostrar como Moura se configurou como um “intelectual radical”¹⁶, tendo em vista seu significativo isolamento intelectual, seja com relação ao próprio universo acadêmico, seja em termos de militância política ou étnico-racial.

Não obstante, uma outra preocupação central da análise desenvolvida por Mesquita consiste em avaliar o significado que a questão da escravidão e o dilema racial brasileiro teria assumido na produção intelectual de Clovis Moura, sobretudo em seus livros de maior repercussão no campo da historiografia e sociologia nacional.

Outro trabalho de pesquisa desenvolvido recentemente sobre Clovis Moura que merece nossa ressalva é a dissertação do pesquisador Fábio Nogueira de Oliveira¹⁷, defendido pela Universidade Federal Fluminense. Seguindo uma linha de reflexão que,

¹⁴ Id. Ibidem, p.312.

¹⁵ Destacamos aqui o resultado de sua pesquisa de Mestrado: MESQUITA, Erika. *Clovis Moura: uma visão crítica da história social brasileira*. Dissertação de Mestrado, Unicamp, Campinas, 2002.

¹⁶ MESQUITA, Erika. *Op. Cit.*

¹⁷ OLIVEIRA, Fábio Nogueira. *Clovis Moura e a sociologia da práxis*. Dissertação de Mestrado, UFF, Rio de Janeiro, 2009.

em certos aspectos, se aproxima bastante da reflexão de Érika Mesquita, Oliveira se propôs nessa pesquisa em tentar compreender a trajetória intelectual e política de Clóvis Moura, a partir de suas tomadas de posição em relação aos seus pares intelectuais e políticos, bem como também discuti como, ao longo do tempo, isso contribuiu para a formação daquilo que Oliveira denomina como Sociologia da Práxis Negra.

Em sua análise sobre Clovis Moura, Fábio Oliveira recorre centralmente ao conceito de “práxis negra” como elemento norteador da construção do pensamento marxista mouriano. Em outras palavras, seria uma tradução do marxismo a partir da perspectiva do negro, o que na sua concepção fundamenta a sociologia do negro defendida por Moura. Uma sociologia que Oliveira classifica como sendo, ao mesmo tempo, antiacadêmica e militante. Ao enfatizar questões dessa natureza, Fábio Oliveira, embora siga uma linha de análise muito próxima àquela desenvolvida por Érika Mesquita, acaba optando por uma interpretação diferenciada do intelectual em questão, ao defender que Moura não chegou a se configurar num sujeito tão isolado, como a análise de Mesquita, por sua vez, outrora sugere.

Ao dialogar com esses estudos, essa proposta de pesquisa, de um lado, se configura como um esforço de dar continuidade à retomada que esses pesquisadores vêm desenvolvendo em torno da obra de Clovis Moura. Porém, por outro lado, o intuito também é enveredar por uma linha de discussão que possa visualizar novos horizontes de interpretação da contribuição de Moura ao campo da reflexão intelectual da segunda metade do século XX, tendo em vista, fundamentalmente a possibilidade de melhor compreender o próprio contexto histórico que possibilitou no período em questão a emergência de um pensador tão paradoxal, como bem tem ressaltado a análise de todos esses críticos.

É, então, à procura de um viés diferenciado de reflexão que nos aproximamos, dessa forma, das contribuições de Paul Gilroy¹⁸ e de sua perspectiva noção de diáspora, defendida em *O Atlântico Negro*¹⁹. Neste ensaio, Gilroy retoma a noção de diáspora como instrumento fundamental para propor uma revisão dos direcionamentos dos estudos

¹⁸ GILROY, Paul. Op. cit.

¹⁹ Podemos ressaltar também as contribuições de Gilroy, por meio de outro trabalho desenvolvido por ele sobre as questões raciais: GILROY, Paul. *Entre Campos: nações, culturas e o fascínio da raça*. São Paulo: Annablume, 2007.

culturais nesse início de milênio, especialmente no que tange às discussões sobre as questões raciais e sua co-relação com o pensamento intelectual.

Ao visualizar a necessidade de um novo enfoque para analisar a história do pensamento nacionalista negro, Paul Gilroy defende uma noção distinta de diáspora que, segundo ele, não enxergaria a relação como via de mão única, mas que, ao contrário, “nos encoraja a atuar rigorosamente de forma a não privilegiar o “Estado-nação moderno e sua ordem institucional em detrimento dos padrões subnacionais e supranacionais de poder, comunicação e conflito que eles lutam para disciplinar, regular e governar”²⁰. De forma semelhante, ressalta ainda que os preciosos fragmentos celebrados e venerados, por nacionalistas e defensores do essencialismo, sob o nome de “sobrevivência” nunca serão intactos ou completos. Essa perspectiva de pensar a diáspora tenta sublinhar as formas nas quais as culturas vernaculares viajam e valoriza os modos pelos quais elas podem resistir aos projetos de libertação nacional²¹.

Fundamentado nessa noção de diáspora, Paul Gilroy avalia que as culturas e identidades negras seriam algo indissociáveis da experiência da escravidão moderna e de sua herança racializada espalhada pelas culturas que percorreram e percorrem o Atlântico. Seria, nesse sentido, com base na memória da escravidão, na experiência do racismo ou mesmo no terror racial que lhe sucedeu, que se fundaria politicamente a identidade cultural dos negros no Ocidente. Nas palavras de Hebe Mattos, “pensar as identidades negras a partir e entendidas sob a perspectiva da diáspora permite a Gilroy não apenas entender a historicidade e multiplicidade das configurações culturais negras, mas também, no limite tentar superar as noções de raça como estruturadora dessas culturas e identidades”²².

Nas palavras de Gilroy, em si tratando de Brasil, a perspectiva do atlântico “seria uma forma de adquirir uma perspectiva mais completa sobre a modernidade e uma compreensão mais rica, pós-antropológica, de suas culturas coloniais e pós-coloniais”²³.

É fundamentado nessas prerrogativas que pretendemos voltar nossa atenção para o legado intelectual de Clovis Moura na expectativa, particularmente, de tentar reinseri-

²⁰ GILROY, Paul. Op. cit., p.15.

²¹ Id ibidem.

²² MATTOS, Hebe. Op. cit., p.423.

²³ GILROY, Paul. Op. cit., p.11.

lo no contexto das inquietações dos sujeitos que, nas palavras de Gilroy, podem ser classificados como intelectuais do Atlântico Negro. Em outros termos, a partir de alguns elementos-chaves que perpassam o pensamento racial de Moura, visualizamos a possibilidade de um estudo sobre a sua extensa produção e o seu envolvimento no campo de discussão que tencionava não apenas repensar o lugar do negro na sociedade brasileira, mas da própria militância negra num contexto muito mais amplo. E a partir de então, retomar o lugar de suas reflexões no cenário das inquietações intelectuais brasileira, na segunda metade do século XX.

Para tanto, elegemos como uma de nossas categorias centrais de reflexão a questão da cidadania e sua relação com o pensamento racial mouriano. De um mundo geral, podemos dizer que se trata de um objeto de reflexão pouco discutido, seja pelos críticos e pesquisadores que falam diretamente de Clovis Moura – tais como aqueles citados nesta etapa do projeto – , seja no campo da própria historiografia nacional.

Porém, apesar da escassez, alguns trabalhos têm nesse momento contribuído de certa forma para a construção dessa proposta de estudo. Entre esses trabalhos podemos ressaltar a contribuição das reflexões presentes na coletânea de textos organizados por Jaime Pinsky e Carla Bassanezy Pinsky²⁴. Neste texto, encontramos vários estudos, elaborados pelos mais diversos autores, que evidenciam, entre outras questões, uma noção de se pensar a cidadania enquanto algo dinâmico e historicamente construído, variando seu significado tanto no tempo, quanto no espaço, como bem diz o próprio Jaime Pinsky²⁵, na introdução do livro:

É muito diferente ser cidadão na Alemanha, nos Estados Unidos ou no Brasil (para não falar dos países em que a palavra é tabu). [...] Mesmo dentro de cada Estado-nacional o conceito e a prática da cidadania vêm se alterando ao longo dos últimos duzentos ou trezentos anos. Isso ocorre tanto em relação a uma abertura maior ou menor do estatuto de cidadão para sua população (por exemplo, pela menor incorporação dos imigrantes à cidadania), ao grau de participação política de diferentes grupos (o voto da mulher, do analfabeto), quanto aos direitos sociais, à proteção oferecida pelos Estados aos que dela necessitam²⁶.

²⁴ PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

²⁵ PINSKY, Jaime. Introdução. In: PINSKY, Jaime. Op. cit.

²⁶ PINSKY, Jaime. Op. Cit., p.9-10.

Além de reflexões dessa natureza, presentes no livro citado, alguns dos textos que foram publicados nela, trazem também uma contribuição, contudo mais direta, para a nossa temática de estudo, como é caso da análise desenvolvida por Flávio dos Santos Gomes. Este, por sua vez, procura abordar em sua reflexão a importância da “recuperação” da história dos quilombos como questão significativa para o estudos das lutas em torno do acesso à terra, “face importante da luta pela cidadania” no Brasil, sem perde de vista a dimensão étnica²⁷. Nas palavras do autor, “é fundamental incluir no debate sobre a questão agrária no Brasil a questão étnica, especialmente as experiências do cativo – com os quilombos / mocambos e formas de protesto de ocupação de terra – e aquelas do pós-emancipação, como as comunidades remanescentes e outras tantas ‘terras de pretos’”²⁸.

Seguindo uma linha de discussão semelhante podemos apontar também outros dois estudos que, na historiografia brasileira, têm acrescentado na elaboração desta proposta de pesquisa. O primeiro corresponde ao trabalho da historiadora Hebe Mattos, *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*²⁹. Neste trabalho Mattos, procurando pensar o dilema teórico entre liberdade e escravidão, trata das questões sobre como esse dilema e a conceitualização de cidadania, direito e escravidão dialogam no contexto da sociedade do Brasil Império, tendo em vista o grande número de negros existentes nessa sociedade.

Não obstante temos ainda os estudos desenvolvidos por José Murilo de Carvalho que, ao discutir em alguns de seus livros sobre o problema da cidadania no contexto do Brasil Império, traz igualmente alguns elementos para acrescentar à nossa tarefa de pensar historicamente esta variável de análise. Particularmente evidenciamos aqui as reflexões teórico-conceituais que o autor faz em determinados momento de sua obra, a exemplo do que encontramos na introdução da coletânea de textos intitulada *Nação e Cidadania no Império: novos horizontes*, onde Carvalho procura argumentar que o estudo e revisão de

²⁷ GOMES, Flávio dos Santos. Sonhando com a terra, construindo a cidadania. In: PINSKY, Jaime. Op. Cit. p.463.

²⁸ Id. Ibidem.

²⁹ MATTOS, Hebe. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

temas como esses são, dentre outras possibilidades, “úteis à análise da realidade brasileira, bem como ao debate com a literatura internacional”³⁰.

No que diz respeito, especificamente, aos desafios operacionais de lidar com um conjunto de fontes de estudos tão diverso, como aqueles que constituem o legado intelectual mouriano (entre livros de sociologia, história, textos de crítica literária, poesias, manifestos políticos, etc), acreditamos ser necessário o apoio de alguns outros estudos importantes.

Nesse momento, defendemos uma estratégia que, em certos aspectos, se aproxima bastante do trabalho desenvolvido por Jeanne Marie Gagnebin, em seus estudos sobre a obra e pensamento de Walter Benjamin. Ao retomar a obra de Benjamin, Gagnebin procura seguir uma via de duplo sentido que, por um lado, envolve “um esforço de explicação e, nesta base, de uma tentativa de pensar, graças a ela e através dela, como além dela”³¹. Em outras palavras, seguindo os passos de Gagnebin, nosso estudo não se propõe em apenas tentar parafrasear a obra e o pensamento mouriano, mas sim em tentar “ouvir as questões e exigências que essa obra formula, [...] conhecer quais são suas interrogações deixadas em suspensão, ousar aprofundar-se nesta irresolução”³².

Para tanto, outras contribuições mostram-se bastantes significativas, particularmente ressaltamos o apoio encontradas nas estratégias de análise oferecidas pelo estudo de Maria Stella Bresciani sobre o legado intelectual de Oliveira Viana³³, um trabalho de crítica historiográfica que chama atenção para pressupostos aceitos e acabados que perpassam as representações políticas e intelectuais do Brasil ao longo do último século, procurando repensar a cultura brasileira e fugir ao que a autora denomina de “Lugares-comuns”.

Enfim, uma forma de operacionalização que envolve tanto a dificuldade de lidar com uma documentação extensa e diversa, quanto de chaves conceituais que ofereçam alternativas para um bom aproveitamento das possibilidades de reflexão que o arcabouço

³⁰ CARVALHO, José Murilo de. Nação e cidadania no Império: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. É de grande interesse também as reflexões sobre cidadania desenvolvidas por José Murilo de Carvalho em outros textos de sua autoria, especialmente no livro *Pontos e Bordados: escritos de história política* (Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005).

³¹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e Narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 1999.

³² Id. *Ibidem*. p.6.

³³ BRESCINI, Maria Stella Martins. O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Viana entre intérpretes do Brasil. São Paulo: Unesp, 2007.

documental suscita. Nesse sentido, podemos acrescentar ainda a concepção benjaminiana de experiência³⁴, em seu trabalho de articulação entre crítica literária e análise sociológica, feita a partir da análise e atuação de Charles Baudelaire, como uma rica ferramenta para a leitura e análise das obras de Moura e dos dilemas intelectuais de sua época, procurando estabelecer os nexos entre essa obra e as questões sociais e políticas que se colocam diante deste sujeito e de parte dos “homens de letras” que atuam no período.

Enfim, é a poia do em todo esse arcabouço teórico-bibliográfico que visualizamos as possibilidades de um estudo sobre a trajetória intelectual de Clovis Moura que tanto possa contribuir para uma melhor compreensão de sua obra, quanto que nos ajude a lidar melhor com as diversas armadilhas que esse tipo de estudos envolve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Luiz Sávio de (org.), O negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura, Maceió, EDUFAL.

ANDRADE, José Maria Vieira de. Entre Narrativas e Fragmentos: História, Literatura e Experiência Urbana em O. G. Rego de Carvalho. Dissertação de Mestrado, UFPI, Teresina, 2009.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRESCINI, Maria Stella Martins. O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Viana entre intérpretes do Brasil. São Paulo: Unesp, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. Nação e cidadania no Império: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. Pontos e Bordados: escritos de história política. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

FERREIRA, João Batista Borges. In: ESTUDOS AVANÇADOS 18 (50), 2004. p.311-312.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1933.

³⁴ BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

GAGNEBIN, Jeane Marie. História e Narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.

_____. Entre Campos: nações, culturas e o fascínio da raça. São Paulo: Annablume, 2007.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e modernidade no Brasil. Working Paper CBS-52-04. Centre for Brazilian Studies. University of Oxford. 2003.

GOMES, Flávio dos Santos. Sonhando com a terra, construindo a cidadania. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). História da cidadania. São Paulo: Contexto, 2003. p.469-470.

MAESTRI, Mário. O legado original de Clovis Moura. In: MAESTRI, Mário. O legado original de Clovis Moura. In: WWW.conciencia.net/2004/mes/01/maestri-clovismoura.html.

MATTOS, Hebe. Escravidão e cidadania no Brasil monárquico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

_____. Resenhas. In: Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, n.2, 2002, p.409-413.

MESQUITA, Erika. Clovis Moura e a sociologia da Praxis. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, no 3, 2003, p. 557-577.

_____. Clovis Moura (1925-2003). In: Afro-Ásia, Salvador, v. 31, p. 339-356..

_____. Clovis Moura: uma visão crítica da história social brasileira. Dissertação de Mestrado, Unicamp, Campinas, 2002.

MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da Cultura Brasileira. 1ª. Ed. São Paulo: Editora Ática. 1977.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. Clovis Moura e a sociologia da práxis. Dissertação de Mestrado, UFF, Rio de Janeiro, 2009.

_____. Modernidade, política e práxis negra no pensamento de Clóvis Moura. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.18.1, p.45-64.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). História da cidadania. São Paulo: Contexto, 2003.